

A acéfala revolução egípcia

Omar Ashour

Valor Econômico, 22.11.2011.

Às vésperas de eleições, o CSFA está enredado em diversos paradoxos. Padrões observados na América Latina e no Sudeste Asiático sugerem que um establishment militar que detém o poder em um período de transição tenta ampliar sua influência política.

"O homem que me ensinou a sacrificar meu coração pelo Egito está morto", disse Vivian Magdi, chorando por seu noivo. Michael Mossad foi morto na área de Maspairo em 9 de outubro, quando um veículo blindado atingiu-o durante um protesto convocado para condenar o ataque a uma igreja egípcia na região meridional de Aswan. O protesto deixou 24 mortos e mais de 200 feridos - um número de baixas maior do que na chamada "Batalha dos Camelos", quando as forças de segurança e bandidos armados sob comando do ex-presidente Hosni Mubarak atacaram manifestantes pró-democracia na praça Tahrir, no auge da revolução.

Agora, a praça Tahrir é novamente palco de confrontos. "Estamos em 25 de janeiro de novo!" gritou um amigo, ao se posicionar em uma barricada na praça. Outros estavam ajudando a montar barracas. Mais de 20 mil egípcios lotavam a praça Tahrir em 19 de novembro, dos quais ao menos 3 mil lá pernoitaram. Confrontos intermitentes com as Forças de Segurança Central eclodiram durante todo o dia, assim como tinham feito em 25 de janeiro. "Eles estão de volta e nós não vamos sair. Abaixo o domínio militar. Abaixo o Marshal (Tantawi)", disse-me outro manifestante.

A mais recente onda de protestos reflete as crescentes frustrações com a gestão da transição política do país pelo Conselho Supremo das Forças Armadas (CSFA), no comando do país. Mas os confrontos na praça Tahrir evidenciam um outro problema. Ao contrário de revoltas no Egito em 1882, 1919 e 1952, a revolução de 2011 não tem liderança. Isso foi uma fonte de força durante a derrubada da ditadura de Mubarak; agora é uma fonte de fraqueza.

A unidade da oposição é geralmente um fator crítico em transições democráticas bem-sucedidas, como na Polônia, Chile e África do Sul, por exemplo. No Egito, a unidade política foi mantida durante a luta contra Mubarak, mas começou a rachar depois que CSFA assumiu o controle. Polarização ideológica, disputas por liderança, egos inflados e

inexperiência na administração e negociações da coalizão causaram sérios desentendimentos nas fileiras da oposição política. Um importante ativista sintetiza o padrão: "Se surge uma liderança, outras figuras da oposição tendem a derrubá-la, em vez de a ela aderirem". A ausência de liderança caracteriza até mesmo os islamistas, talvez a força política mais bem organizada no Egito (em meio a um campo de mais de 70 partidos e coligações). Recentemente, uma tentativa do Partido Justiça e Liberdade (PJL), pertencente à Irmandade Muçulmana, de dominar a Coligação Democrática pelo Egito (CDE) saiu pela culatra. A CDE, que era formada por 34 partidos para disputar a próxima eleição parlamentar, agora é constituída pelo PJL e um punhado de grupos pequenos. A maioria dos outros partidos islâmicos abandonaram a coalizão. Eles têm queixas semelhantes. "Os membros da Irmandade Muçulmana dominam a maioria das listas de representação proporcional e, portanto, têm maior chance de assumir cadeiras no Parlamento", diz Tamer Abd al-Khaliq, um líder no Asala. Safwat Abd al-Ghani, um líder do Grupo Islâmico e cofundador do seu partido, critica vigorosamente o PJL. "Isso é oportunismo. Eles estão usando nossos correligionários no Alto Egito, onde não têm apoio e estão nos colocando em último plano."

Em meio a uma revolução sem lideranças, às vésperas de eleições, o CSFA está enredado em diversos paradoxos. Padrões observados na América Latina e no Sudeste Asiático sugerem que um establishment militar que detém o poder em um período de transição tenta ampliar sua influência política. Mas os exemplos desse empenho vão do modelo argelino (controle quase total) à prática argentina (influência limitada). No Egito, o entendimento inicial era de que o establishment militar exigiria imunidade constitucional e legal a processos contra seus líderes; manutenção de seus investimentos não incluídos em orçamento e beneficiados por isenções tributárias e um veto a participação em decisões políticas estratégicas, como segurança nacional e questões relacionadas com política externa. Quase todos os políticos egípcios críveis têm se declarado dispostos a admitir a primeira demanda e negociar a segunda e terceira.

"Se eles querem garantias legais, devemos conceder-lhes", afirma Essam Sultan, vice-líder do partido al-Wasat, entidade política egípcia mais próxima do partido Justiça e Desenvolvimento Turco (JDT). Candidatos presidenciais e outros líderes de partidos fizeram declarações semelhantes.

Mas a CSAF agora parece ter percebido que, em uma situação sem lideranças, nenhum político civil pode conceder imunidades sem ficar vulnerável a ataques de rivais. Além disso, o conselho analisou os políticos e dissecou sua debilidade relativa, capacidade limitada, oportunismo notório e incoerência generalizada. Como resultado, há uma crença no CSAF que suas três exigências "mínimas" tornaram-se desnecessárias e insuficientes. Nos últimos dois meses, o comportamento do conselho em relação a políticos civis, a atores da sociedade civil e, mais recentemente, à comunidade copta, reflete claramente a mudança de atitude: "Vocês precisam de imunidade, nossa orientação e proteção - e não nós de vocês".

Polarização política, incidentes sectários, economia debilitada e falta de segurança diminuíram as perspectivas egípcias para uma transição democrática bem sucedida. Mas, considerando a geração mais jovem, o pessimismo começa a se dissipar, pelo menos um pouco. Observadores do cenário político egípcio estão surpresos com a quantidade e qualidade das iniciativas dos jovens - de pressões por uma transição democrática bem sucedida à organização de um sistema para coleta de lixo e apoio ao setor de panificação.

A persistência dessas iniciativas ao longo dos últimos sete meses e seu relativo sucesso ao enfrentar várias crises poderá converter expectativas sombrias em perspectivas otimistas. De fato, eu mesmo recentemente indaguei um grupo de jovens ativistas sobre suas opiniões quanto aos possíveis cenários negativos no período de transição. Eles responderam com uma longa lista. Então um deles sorriu e disse: "Ah, não se preocupe com isso. Nós vamos deprimir a depressão". **(Tradução de Sergio Blum)**

Egípcios voltam às ruas e governo pede para sair

Folha de S.Paulo, 22.11.2011.

O governo provisório do Egito, nomeado pela junta militar que dirige o país, renunciou ontem, após três dias de protestos que deixaram entre 24 e 33 mortos. Até a noite, não eram conhecidas as razões das demissões nem se foram aceitas.

Em fevereiro, após 18 dias de protestos, os egípcios conseguiram derrubar a ditadura de Hosni Mubarak.